



## **Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura:** Luta pela melhoria e valorização dos modos de vida dos/as agricultores/as

*Há 36 anos se constituindo numa estratégia fundamental para a construção da agricultura familiar de base agroecológica, como um novo modo de vida.*

Criada em 1986 para prestação de serviços de apoio às comunidades do Médio Mearim que haviam vivenciado conflitos agrários e enfrentavam desafios em virtude da restrição de recursos, a Animação Comunitária em Educação, Saúde e Agricultura (ACESA), como era inicialmente conhecida, buscava assistir o povo em suas necessidades nas áreas da saúde e agricultura, ao mesmo tempo em que procurava formar uma consciência crítica capaz de conduzi-los ao processo de libertação e incentivá-los à tomada de atitude rumo a seus direitos.

Formada por iniciativa de Frei Klaus Finkam, da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção, suas atividades iniciais estavam ligadas aos serviços básicos de cuidados com a saúde, pois em razão da pobreza e das precárias condições em que as famílias se encontravam, a fome era problema comum, ocasionando deficiências nutricionais. Tais transtornos atingiam principalmente as crianças, se refletindo na elevação da mortalidade infantil. Em virtude disso, eram desenvolvidas ações voltadas à atenção primária, estruturação e desenvolvimento de campanhas de aleitamento materno, uso do soro caseiro, identificação e preparo de remédios e tratamentos com plantas medicinais, com o aproveitamento dos saberes de parteiras e mezinheiras. Como a prevenção e melhoria da qualidade de vida passavam por uma alimentação saudável, a medicina preventiva se constituía atividade prioritária. Os esforços também se voltaram para a inserção de novos hábitos alimentares e agregação de outras formas de produção baseadas nos princípios da agroecologia, como roças, cultivos de várzeas, hortas e pomares e criação de pequenos animais, pois a principal atividade produtiva era a roça desenvolvida no sistema tradicional de corte e queima.

Em 1986, ocorre uma ampliação das ações da ACESA que passa a ter dois eixos de atuação: saúde e agricultura com equipe mista (homens e mulheres) agrônomos, técnicos/as agrícola, técnicas em enfermagem, acompanhada por Frei Klaus. As atividades técnicas do setor de agricultura aconteceram com a formação e acompanhamento de grupos, incentivo à organização e gestão coletiva das terras e uso de tecnologias apropriadas para a produção. Na década de 1990, a ACESA também passou a atuar na

organização e desenvolvimento de Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), visando a formação dos jovens filhos e filhas de agricultores da região para que se tornassem agentes de transformação local e se sentissem estimulados a permanecerem na terra. Com esse intuito construiu uma rede de intercâmbio favorecendo a troca de informações e experiências metodológicas entre EFAs do Maranhão, Pará, Piauí e Amapá.

Em 2006, ocorreu a transição da ACESA, que se tornou independente, passando a ser denominada Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura. De uma ação religiosa se tornou uma organização autônoma de agricultores, mantida por recursos voltados para a promoção social. Desde seu surgimento a ACESA tem se constituído num importante suporte às famílias da região, propiciando à elas reconhecimentos de direitos de cidadania.

Ao longo da sua trajetória, que alcançou 39 anos, a ACESA tem provocado grandes transformações no meio de vida local. A partir da sua atuação, muitas famílias foram retiradas do mapa da pobreza, da privação de liberdade, da falta de oportunidades e da ausência de formação política e educacional. Além disso, se constituiu como o principal refúgio e proteção para muitas famílias empurradas de suas terras por pecuaristas que as amedrontavam, destruíam suas casas e produções e as ameaçavam de morte. A ACESA foi a primeira organização do Médio Mearim a trabalhar a agroecologia junto às famílias da região, por entender que a melhoria de vida também passava por uma produção e alimentação saudáveis. As memórias acerca desse período ainda são presentes nas narrativas das famílias que o vivenciaram e contar sobre ele é um momento libertador da lembrança, além de ser uma forma de torná-las conhecidas e, assim, impedir que caiam no esquecimento.